

# BIO-GEO-GRAFIAS “INCOMUNS”: quando o rio é Oxum

Patrícia Gonçalves Pereira<sup>1</sup>  
José Carlos Gomes dos Anjos<sup>2</sup>  
Pâmela Marconatto Marques<sup>3</sup>

**Resumo:** A manifestação da energia vital cultivada pelo quilombo anima seres vivos e não vivos, perturbando a lógica ocidental de organização da vida e amplificando o campo da (r)existência. A compreensão do rio como um ente que participa das relações de parentesco exige comprometimento e relações de cuidados com o ambiente não necessariamente entendidas pelo mundo ocidental. Aqui se busca entender como a “bio-geo-grafia” elaborada pelas memórias quilombolas cria outros modos de fazer pensar, agir, marcar e grafar o território e como se dão as relações de disputa e composição da cidade, propondo um exercício imaginativo com os seguintes questionamentos: e se os quilombolas fossem convidados à mesa de negociação das decisões que impactam suas vidas nos espaços urbanos? E se fossem escutados e pudessem narrar oficialmente sua cosmovisão de mundo? Por fim, não é pretensão deste estudo esgotar esses questionamentos, embora se consiga chegar a considerações que indicam que

---

1 Doutoranda em Desenvolvimento Rural pela UFRGS. Educadora e Analista Ambiental. Integra o Laboratório Urgente de Teorias Armadas (LUTA- NEABI/UFRGS) e o Coletivo de mulheres para leitura e criação de textualidades não-canônicas (SUPORTE). Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/7544831803621776>>. ORCID: <<https://orcid.org/0000-0002-5701-9293>>. E-mail: pgpbio8@gmail.com

2 Possui doutorado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pós-doutorado em Ecole Normale Supérieure de Paris. É Antropólogo, Sociólogo e Professor titular na UFRGS. Coordena o Laboratório Urgente de Teorias Armadas (LUTA- NEABI/UFRGS). Atualmente se envereda pelos Estudos Críticos de Raça. Na área da cooperação acadêmica internacional vem atuando em Programas de pós-graduação da Universidade De Cabo Verde, tendo participado da elaboração do primeiro curso de Doutorado da Uni-CV. Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/8743307347624567>> ORCID: <<https://orcid.org/0000-0003-3098-9780>> E-mail: jcdosanjos@gmail.com.

3 Possui doutorado e pós-doutorado em Sociologia pela UFRGS. É Socióloga e Professora adjunta na UFRGS. Integra os GTs CLACSO Pensamiento crítico caribeño sobre raza y racismo e Autonomias, Territorios y Memorias: geopolíticas en disputa; e o Laboratório Urgente de Teorias Armadas (LUTA- NEABI/UFRGS). Coordena o Coletivo de mulheres para leitura e criação de textualidades não-canônicas (SUPORTE). Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/1897652370021397>> ORCID: <<https://orcid.org/0000-0003-0630-9546>>. E-mail: pmarconatto@gmail.com.

as comunidades quilombolas elaboram sofisticadas formas de viver mesmo em situações arruinadas pelo mundo capitalista e podem inspirar outras relações territoriais.

**Palavras-chave:** ancestralidade, contra-colonial, quilombo-urbano

### “UNUSUAL” BIO-GEO-GRAPHIES: when the river is Oxum.

**Abstract:** The manifestation of vital energy cultivated by the quilombo animates living and non-living beings, disturbing the Western logic of organizing life and amplifying the field of (r)existence. Understanding the river as an entity that participates in kinship relationships requires commitment and relationships of care with the environment that are not necessarily understood by the Western world. Here we seek to understand how the “bio-geo-graphy” elaborated by quilombola memories creates other ways of making people think, act, mark and graph the territory and how the relations of dispute and composition of the city occur, proposing an imaginative exercise with the following assumptions: What if quilombolas were invited to the negotiating table for decisions that impact their lives in urban spaces? What if they were listened to and could officially narrate their worldview? Finally, this study does not intend to exhaust these questions, although it is possible to arrive at conclusions that indicate that the quilombola communities develop sophisticated ways of living even in situations ruined by the capitalist world and can inspire other territorial relationships.

**Keywords:** ancestry, counter-colonial, urban quilombo

### Introdução

*É D'Oxum  
Nesta cidade todo mundo é d'Oxum  
Homem, menino, menina, mulher  
Toda essa gente irradia magia  
Presente na água doce  
Presente n'água salgada  
E toda a cidade brilha  
Seja tenente ou filho de pescador, eh  
Ou importante desembargador  
Se der presente é tudo uma coisa só*

***A força que mora n'água  
Não faz distinção de cor  
E toda a cidade é d'Oxum  
É d'Oxum***

*Eu vou navegar  
Eu vou navegar nas ondas do mar  
Eu vou navegar  
Eu vou navegar, eu vou  
(Eu vou navegar nas ondas do mar)  
(Eu vou navegar)  
É d'Oxum ...  
(DE ALMEIDA; DUARTE, 2024)*

A canção “É d'Oxum” é mobilizada aqui com a finalidade de convidar aos que seguem esta leitura para um mergulho pela doçura e encantos da ancestralidade negra de matriz africana que nos possibilita enxergar a beleza e o brilho investidos na feitura do ambiente com o qual nos relacionamos.

Nessa perspectiva, estabelecem-se relações de continuidades com o ambiente, veiculando elos de parentescos nem sempre concebíveis em perspectivas reduzidas da vida. Aqui, falamos da cidade de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, no Sul do Brasil, que conta com uma riquíssima diversidade cosmológica efetivada pela existência de povos indígenas, descendentes de povos africanos e europeus.

Nosso recorte é dado pela composição grafada pelas relações animadas pelo Quilombo Família de Ouro/Ylê<sup>4</sup> de Oxum e Ossanha, localizado em uma periferia, na zona Leste da cidade, destacado no mapa a seguir (Figura 1). Este território enfrenta desafios relacionados ao desabastecimento de água, saneamento básico, transporte público, educação, saúde, falta de investimento público em projetos voltados à juventude e a perda de territorialidades necessárias aos seus modos de vida por meio de proposições da administração pública da cidade. De modo arrebatador, o quilombo encontra a sua força, o seu ânimo de viver, por meio do axé vital cultivado através da memória ancestral.

---

4 Termo de origem iorubá, que carrega o significado de “lar”. Mobilizado para designar um território sagrado no contexto das tradições que seguem a cultura afro-brasileira, onde se cultua os orixás e demais entidades vinculadas a essa cultura.

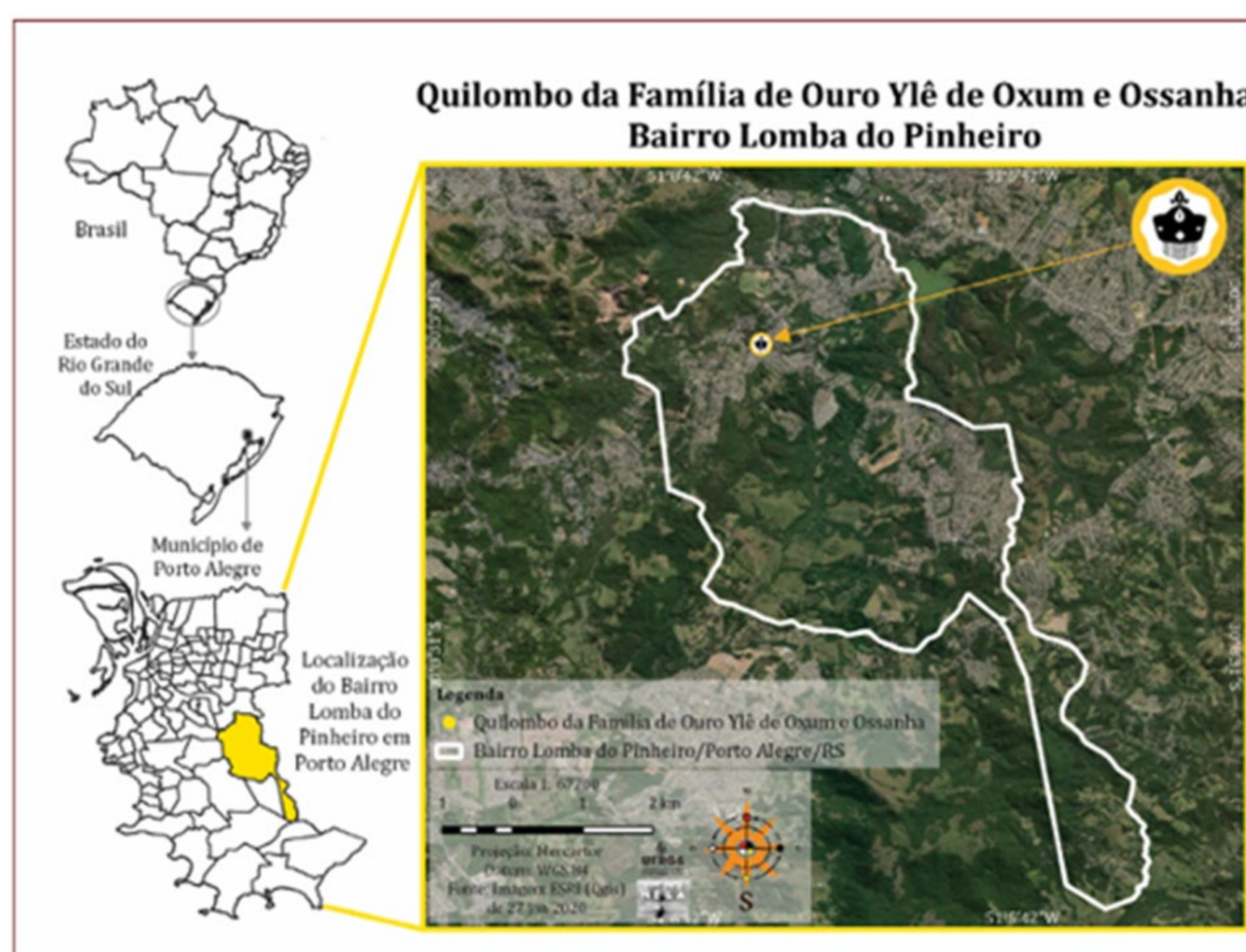
Assim, o quilombo constrói estratégias de sobrevivência que articulam elementos do mundo material — como o território, o trabalho e os meios físicos — com forças imateriais irradiadas pelo axé, que ativam vínculos, movimentam os corpos e sustentam redes de afetação e cuidado. É na relação entre esses dois planos que se dá a potência da existência quilombola. Reconhecemos aqui que a força da ancestralidade é um elemento potente que mobiliza inclusive ações de superação diante das adversidades. No entanto, temos ciência de que é preciso cautela para não incorrer em equívocos que podem romantizar as formas com que o quilombo se organiza para resistir às condições de privação. Essas estratégias são fruto de necessidade e luta histórica, não de uma escolha idealizada ou desejável.

Dito isso, o convite colocado aqui é para que, assumindo em parte o que poderia ser considerado como uma perspectiva cosmológica afro-brasileira, como veremos junto ao Quilombo Família de Ouro, possamos questionar e refletir sobre como se está constituindo a cidade composta por distintas perspectivas de mundo. Sendo que, em uma delas, considera-se que há uma relação de parentesco com entidades que não seriam consideradas humanas na perspectiva ocidental e, ainda, atribui-se ânimo, axé, a seres inorgânicos, como no caso do rio, que é entendido como Oxum. Além disso, considera-se como prerrogativa, compreender como os processos de transformação do espaço que visam acumular lucros interferem nas relações territoriais e nas possibilidades de se instituir parentescos.

Antes de seguirmos, cabe destacar que algumas imagens e registros fotográficos escolhidos pela própria comunidade para representá-la serão mobilizados aqui como parte da narrativa legitimada nesta composição textual. Gostaríamos que muitos outros registros fotográficos pudessem ser integrados nesta elaboração, pois, em trabalho anterior: “O Quilombo dos Machado e a Pedagogia da Ginga: deslocamentos em busca da vida (PEREIRA, 2019), evidenciou-se o papel da imagem neste tipo de construção para quem se vê, para quem vê os seus e para os outros que veem os que geralmente não são vistos. O poder da representação tem efeitos práticos capazes de transformar as relações.



Figura 1 — Mapa da geolocalização do Quilombo Família de Ouro/ Ylê de Oxum e Ossanha, 2023



Fonte: NEGA. Atlas da presença quilombola em Porto Alegre, 2023

A música É d'Oxum, escolhida para abrir este mergulho reflexivo, é uma canção pela qual temos certo apreço, mas não é esse o motivo que a fez essencial neste percurso. Sua essencialidade é fundamentada pela forma como ela é incorporada e vivida pela comunidade interlocutora desta pesquisa. Na semana da consciência negra, realizada em novembro – em homenagem à luta de Zumbi de Palmares, que segue viva através dos quilombos que se levantam cotidianamente contra as ameaças do mundo colonizador –, o território Quilombo Família de Ouro organiza o Encontro Zumbi e Dandara de Negros e Negras da Vila Mapa.

Este encontro teve como idealizador seu Alcino, ancestral da Família de Ouro, pai da liderança quilombola e guia espiritual Mãe Patty de Oxum, que é uma grande interlocutora deste texto. O evento apresenta como proposta a criação de um espaço de divertimento, reflexão e discussão política, contemplando as formas de oralidade, estética e ritmos negros de fazer circular e ecoar a palavra e o pensamento da resistência negra.

Nesse encontro, há uma série de apresentações culturais espetaculares com poesia, capoeira (Figura 2), maculelê (Figura 3), danças, músicas, samba, pagode e Hip Hop, ofertadas gratuitamente para a comunidade e pessoas convidadas. Comidas e bebidas são comercializadas com a finalidade de fortalecer a política financeira de autossustento das atividades do território, como a estruturação do próprio evento, consertos e manutenção do Ylê, ou ainda despesas de



outras atividades que necessitem, por exemplo, da locação de um ônibus para transportar a família de santo. No entanto, sempre há comida e bebida para os que têm fome e sede e não têm condições de comprar algo. Todas e todos são alimentados no encontro.

Figura 2 — Capoeira de Angola. Encontro de Negros e Negras na Vila Mapa, 2023



Fonte: Deriva Jornalismo/ Instagram

Figura 3 — Maculelê com o Quilombo dos Machado. Encontro de Negros e Negras na Vila Mapa, 2023



Fonte: Deriva Jornalismo/ Instagram

Compartilhamos aqui, por meio das figuras 4, 5, e 6, um dos momentos mais emocionantes desse encontro, o espetáculo promovido pelo grupo de dança do Ylê de Oxum e Ossanha, a Dança dos Orixás, seguido pela Dança da Oxum. No primeiro ato, uma das filhas da casa abre os caminhos lançando pipoca com axé de prosperidade sobre todos que contemplam o espetáculo, seguida pelos demais filhos e filhas da casa e pela mãe de santo. Estes estão caracterizados com



roupas que identifiquem os orixás: Bará, Ogum, Oyá, Xangô, Odé-Otim, Xapanã, Obá, Ossanha, Oxum, Iemanjá e Oxalá. Note-se que não há a obrigatoriedade de serem filhos dos respectivos orixás que estão performando. Essas pessoas interpretam as expressões de cada orixá conforme estes se expressariam nas cerimônias de Batuque. Os espectadores costumam vibrar muito e cantar os pontos, canções que portam conhecimento tradicional compartilhados oralmente, que são entoados pelos tamboreiros.

Figura 4 — Dança dos Orixás. Bará. Encontro de Negros e Negras na Vila Mapa, 2021



Fonte: Deriva Jornalismo/ Instagram

Figura 5 — Dança dos Orixás. Oyá e Ogum. Encontro de Negros e Negras na Vila Mapa, 2021



Fonte: Deriva Jornalismo/ Instagram

Após esse ato, no ano de 2022, a filha mais velha da Mãe Patty, Francine Martins, companheira de Dion Lenon e mãe de Milena, que estava grávida de seu segundo filho, com 8 meses de gestação, apresentou a Dança da Oxum.



Pintada de dourado, com uma linda barriga onde abrigava Pedrinho, vestida de Oxum, ela brilhava e parecia flutuar no asfalto quente, provocando uma comoção geral no público, que, entre lágrimas, bradava: “Ora ie ieo, Mamãe Oxum!”

Na Nação Cabinda, Francine é filha de Oyá, a deusa das tempestades, transformação, força e empoderamento feminino. No entanto, na encenação artística, ela interpretou Oxum para presentear com esta homenagem duas grandes mães presentes em sua vida, uma delas sendo a sua mãe de santo e de sangue, a Mãe Patty, que se manteve extremamente emocionada e orgulhosa pela filha do início ao fim, sendo evidentes as lágrimas em seu rosto e no rosto de seu companheiro Luciano, durante a apresentação.

A outra homenageada com a dança era a própria Mãe Oxum. Por meio desse gesto, Francine buscava saudar a deusa da fertilidade, que, em sua perspectiva, contribuiu para que tudo ocorresse muito bem em sua gestação. Pedrinho nasceu um mês e uma semana após protagonizar, na barriga de sua mãe, o espetáculo de amor entre filhas e mães, mães e filhas, levando muitas pessoas a se emocionarem e se sentirem parte dessa linda família cuidada por Oxum.

Figura 6 — Dança da Oxum. Encontro de Negros e Negras na Vila Mapa, 2021



Fonte: Deriva Jornalismo/ Instagram

A apresentação com a mulher grávida fazia surtir um efeito de acolhimento que extravasava a relação representada de amor entre mães-filhas. Era como se a mãe, pintada de dourado, despertasse uma sensação de acalanto para as diferentes dores carregadas pelas pessoas que com ela se embalavam na canção. As pessoas faziam parte do acontecimento conectando-se por meio de laços



comunitários mobilizados pelos sentimentos que irmanavam a grande coletividade diversa reunida naquela tarde de celebração e (r)existência negra.

Após compartilharmos alguns vestígios da força ancestral mobilizada pela memória territorial, desde o Quilombo Família de Ouro/ Ylê Oxum e Ossanha, buscaremos evidenciar a importância de se compreender a “bio-geo-grafia” elaborada pelas memórias quilombolas. Essa bio-geo-grafia se faz necessária quando se enfrenta disputas urbanas para a composição da cidade.

Pelo que foi observado, o modo de vida quilombola cria outros modos de fazer pensar, agir, marcar e grafar o território. A partir disso, propomos um exercício imaginativo com as seguintes suposições: e se os quilombolas fossem convidados à mesa de negociação das decisões que impactam suas vidas nos espaços urbanos? E se fossem escutados e pudessem narrar oficialmente sua cosmovisão de mundo? As comunidades quilombolas elaboram sofisticadas formas de viver mesmo em situações arruinadas pelo mundo capitalista e podem inspirar outras relações territoriais. Sendo assim, é objetivo desta pesquisa apresentar, por meio das atentas práticas vivenciais de cuidados e responsabilidade com o ambiente, os modos como os “Projetos orgânicos” adensam “os mundos que constituem a cidade em que o rio é Oxum”, desde os ensinamentos da liderança quilombola Mãe Patty de Oxum.

## **Metodologia**

Antes de seguirmos, é importante destacar que este texto pertence ao conjunto elaborado para a tese de doutorado da primeira autora deste artigo. Salientamos que o Quilombo Família de Ouro/ Ylê de Oxum e Ossanha, interlocutor deste estudo, é um território que tece múltiplas partilhas, inclusive com a primeira autora da pesquisa, acolhendo-a no campo da espiritualidade há mais de seis anos, como filha de santo da família espiritual da casa e integrando-a nas dimensões da luta social territorial. Portanto, relações de afeto, cuidado e respeito são mantidas nessa amarração de conceitos com muita responsabilidade.

Procurando sermos consequentes com acontecimentos vivenciados que pareciam escapar a modelos clássicos do fazer dito “científico”, buscamos por formas metodológicas que permitissem o alargamento do pensamento relacional com mundos potentes que oferecem riscos à colonização e seus mecanismos.



Cientes da problemática em questão, vasculhamos por modos de fazer pensar que desviassem da trivialidade do pensamento ocidental, que facilmente escorrega para relações descuidadas, as quais oferecem penalidades, desvitalizando complexas elaborações contracolonizadoras, reduzindo-as a *coisas estranhas, arcaicas, sem importância no mundo moderno*. Encontramos possibilidades de alargar reflexões estabelecendo conexões desafiadoras e viáveis, sustentadas por conhecimentos emaranhados desde os territórios em luta pela vida.

Assim, a perspectiva ecológica, identificada aqui como o próprio ambiente e os fluxos possíveis nele, abriu possibilidades para reunir com muita atenção e cuidado as perspectivas da espiritualidade afro-brasileira, em sua cosmovisão, com os desafios impostos pela perspectiva colonizadora da cosmovisão ocidental. Desse modo, por meio das *artes da atentividade* (TSING, 2019, 2022) florescida nos campos dos “estudos multiespécies” (DOOREN et al. 2016), buscamos evidenciar alguns aspectos dos *incomuns* relacionados na teia emaranhada desta pesquisa.

Nos trabalhos de Anna Tsing, por meio da descrição atenta, crítica e relacional, é possível perceber como a pesquisadora corporifica a criação antropológica desestabilizando consensos induzidos pelo capitalismo. Prestando atenção à gravidade e ao potencial das experiências incursionadas em campo e observando o que os “estudos multiespécies” nos revelam: “para além da mera sobrevivência, formas particulares de vida, em toda a sua diversidade resplandecente, emergem de padrões entrelaçados de viver e morrer, de ser e tornar-se, em um mundo maior.” (DOOREN et al. 2016, sem página)

Para materializar essas possibilidades, articulamos pontos de uma etnografia que pode ser concebida como não clássica. E, a fim de compartilhar essa pesquisa e experiência de vida, inspirada por histórias que podem ser contadas desde nós, fizemos uso da escrevivência (EVARISTO, 2017).

Os métodos aqui mobilizados não são rígidos e fechados, no entanto, foram escolhidos e conduzidos com a intenção rigorosa de apresentar o lado da história e as perspectivas dos que são excluídos quando métodos rígidos e fechados são mobilizados para narrar a história de um suposto vencedor. Temos ciência de que não trabalhamos com a história dos derrotados, embora, aos interlocutores desta pesquisa, frequentemente, processos excludentes sejam materializados. Aqui, abordamos a versão da história mais adensada, com ares-



tas e muitos emaranhados, trabalhamos com perspectivas mobilizadoras de reflexões ocultas, principalmente, pelo seu poder ameaçador diante da crise provocada pelo sistema capitalista.

O diversificado rol de pesquisadores e pesquisadoras que fazem usos de abordagens que envolvem profundamente os sujeitos na experiência investigativa é crescente, de modo que, cada vez mais, aplicam-se “formas de vivacidade” em relações com seres tipicamente considerados “seres não-vivos: desde pedras e sistemas meteorológicos até inteligências artificiais e espécies químicas” (DOOREN et al. 2016). Assim, tem-se o exemplo do trabalho de Vinciane Despret e Michel Meuret, que “articulam uma abordagem ‘cosmo-ecológica’ que traz deuses, ancestrais e espíritos para nossos relatos de formas de vida, e assim para os modos de relacionamento e conexão que constituem mundos” (DOOREN et al. 2016, sem página). Além disso, tem-se a referência do trabalho de José Carlos Gomes dos Anjos (2008), que, analisando a filosofia política da religiosidade afro-brasileira, identifica o processo de *iniciação* que ativa energias vitais dos orixás, outrora em estado latente tanto em corpos humanos como em rochas, algo que veremos adiante com a perspectiva do rio como Oxum.

O envolvimento afetivo com o qual algo é estudado potencializa a noção de cuidado que expressa efeitos práticos nos campos das ciências. Segundo Bellacasa (2011), nessa perspectiva afetiva, “transformar coisas em assuntos de cuidado é uma maneira de se relacionar com elas, de se tornar inevitavelmente afetado por elas e de modificar seu potencial para afetar os outros” (BELLACASA, 2011, p.99). Antes de continuarmos, é preciso destacar que as questões, que tratam da relação *entre pesquisadora e “objeto”*, são mobilizadas com a finalidade didática de ilustrar uma forma de relação viva mesmo no campo das ciências ditas “duras”, relação que muitas dessas ciências tentam invisibilizar e negar. Na pesquisa que realizamos aqui, a relação não é estabelecida na perspectiva “pesquisadora e objeto”, e, sim, na perspectiva “pesquisadora e interlocutores”, mantendo um *continuum* relacional de afetação entre esses componentes.

De modo a assegurar outras formas de expressão e comunicação textual, música, imagens, mapas e fotografias são mobilizados ao longo da apresentação deste material, dos quais pode-se dizer que trazem outros afetos para este trabalho, pois acionam outras percepções, estimulando outras formas de saber para que outros conhecimentos sejam ativados e constituídos. Compartilhando



da ideia sustentada por Silvia Cusicanqui (2015) sobre o trabalho com as imagens, segundo a qual, além de estimular afetos,

as fotografias e imagens carregam a possibilidade da escrita colaborativa onde, da forma mais genuína possível, os corpos em registro falam por meio de suas performances, constituindo em uma outra linguagem “um texto que explicita e ilustra o conteúdo e as formas de ser da imagem, traçando sua própria exibição no espaço da página [...]” (RIVEIRA CUSICANQUI, 2015, p. 25, tradução nossa).

Assim, acredita-se que estamos ativando nossa sensibilização para interagir com este material e nos deixar afetar.

Assinalamos ainda que registros de campo foram feitos a fim de apoiar processos reflexivos subsequentes aos momentos de entrevistas e vivências junto ao território Quilombo Família de Ouro. É importante mencionar que a primeira autora deste texto compõe o ciclo comunitário junto ao Ylê Oxum e Ossanha, sendo filha de Santo de Mãe Patty de Oxum, principal interlocutora desta pesquisa. E por fim, retomamos a ideia da pesquisa realizada em colaboração com os agentes dessa história.

O pensamento extremamente elaborado da comunidade, passado de geração a geração é compartilhado por alguns de seus representantes, como a Mãe Patty de Oxum, e orienta de forma estruturante este trabalho. Sendo assim, este texto também é feito inspirado nos processos de cuidado e atenção ensinados e cultivados pela cosmopolítica do terreiro.

### **Projetos orgânicos adensando os mundos que constituem a cidade em que o rio é Oxum**

Em uma das conversas com a Mãe Patty, ela disse: “é importante tu destacar, nesse trabalho, que, na Lomba do Pinheiro, mesmo com tudo que eles falam por aí de degradação do ambiente, aqui nós temos uma das áreas mais verdes da cidade, temos muitas matas vivas.”<sup>5</sup> Além de ter essa compreensão, que expressa reconhecimento do patrimônio ambiental, histórico, territorial e contextual da cidade, Mãe Patty atua fortemente propagando uma sensibiliza-

---

5 Notas retiradas de diário de campo, 2023.



ção para a importância de relações de cuidado com o ambiente onde se vive e do qual se lega a ancestralidade.

Ela promove, por meio do Ylê de Oxum e Ossanha, reflexões sobre o cuidado com o ambiente e com o preparo das oferendas que serão entregues às entidades nas águas, nas matas ou encruzilhadas, locais que são ressignificados a partir das relações simbólicas e culturais estabelecidas pela sacralização. O pensamento da Yalorixá não está embasado em separação de resíduos recicláveis e orgânicos. Embora a Lomba do Pinheiro abrigue a Estação de Transbordo do DMLU, localizada na Estrada Afonso Lourenço Mariante, nº 4.401, onde os resíduos domiciliares coletados pelo município são triados e organizados conforme capacidade volumétrica para serem destinados à Central de Resíduos Recreio na cidade Minas do Leão, o serviço de coleta seletiva não é fornecido pela Prefeitura na periferia. Desse modo, o referido pensamento da liderança é composto por algo mais profundo. Está embasado na percepção de que “tudo que colocamos no ambiente está em contato com outros seres, outros entes que se alimentam daquilo que foi ofertado, e ser vivo algum come plástico porque o plástico não é alimento” (MÃE PATTY DE OXUM, 2015, p.203).

Nesse sentido, a mãe de santo ensina que é preciso tirar as embalagens plásticas, caso algum dos alimentos esteja embalado assim. Não se preparam oferendas decorando-as com plástico. Aceita-se a decoração das oferendas com papéis coloridos, no entanto, para ornamentar as bandejas e pratos se preferem folhas de mamoneira ou bananeira, plantas de folhas largas que embelezam e se decompõem rapidamente no ambiente ao qual pertencem. Caso algum objeto de plástico seja necessário para recompor os elementos característicos de determinado orixá, na hora de fazer a entrega da oferenda na mata ou nas águas, ele deverá ser recolhido.

Figura 7 — Panfleto do Projeto Mães d’água: Ylê de Oxum Orienta.  
Arte em homenagem ao dia de Iemanjá.



Fonte: Instagram Ylê de Oxum e Ossanha.



Sempre que se entrega alguma oferenda na praia de água doce ou na praia de água do mar, torna-se perceptível a importância das orientações da Yalorixá. Nos ritos que envolvem presentear os corpos das águas com as oferendas, é um sinal muito positivo de aceitação dos presentes quando os seres das águas surgem imediatamente se alimentando de tudo que podem. Carregando para dentro do corpo hídrico o que foi preparado com muito zelo pelos que acreditam na força da ancestralidade e nos laços comunitários e familiares estendidos para além das classificações biológicas ocidentais. Mãe Patty faz questão de relacionar didaticamente esse processo, lembrando aos filhos que “os seres do ambiente comem aquilo que damos para eles e as entidades se alimentam assim”.

O Ylê de Oxum e Ossanha expande as barreiras de seu território e aproxima-se de outras pessoas de diferentes pontos da cidade e de fora da cidade de Porto Alegre com a discussão sobre cuidados com a ancestralidade, com o ambiente e com a relação parental estabelecida entre os entes em contato, por meio do “Projeto Mães d’água: Ylê de Oxum orienta”.

Esse projeto tem como expressões máximas as atividades realizadas em celebrações para o dia 02 de fevereiro, dia da Mãe Iemanjá, e para o dia 8 de dezembro, dia da Mãe Oxum, onde se festeja, dão-se passes invocando a espiritualidade umbandística e se realizam trocas materiais por meio de produções carregadas de axé.

As atividades celebrativas junto à Mãe Iemanjá são realizadas na praia de mar e, nos últimos anos, foram realizadas nas cidades de Pinhal e Cidreira, o que implica despesas consideráveis para o deslocamento desde o terreiro. Para essa ocasião se realiza previamente o *bate-folhas*, distribuindo axé para quem necessitar e, através de contribuição espontânea, arrecadam-se fundos para a festa do mar. Vale ressaltar que mesmo quem não pode contribuir para o levantamento de fundos é bem-vindo no espaço de cuidados montado pelo Ylê de Oxum e Ossanha.



Figura 8 — Articulações sociais. Bate-folhas Praia de Mar.  
Calçadão Cidreira. Hora do passe. 2023.



Fonte: Deriva Jornalismo/ Instagram

A outra festividade é a da Mãe Oxum. Realizada na praia de água doce, em Ipanema, Porto Alegre, esta requer menos recursos financeiros para a sua efetivação por ser na mesma cidade e por ser próximo ao bairro Lomba do Pinheiro, onde se localiza o quilombo. Mesmo assim, como ocorre em períodos em que o terreiro costuma ter muitas despesas pelas demais atividades da agenda do territorial, nem sempre é possível mobilizar o deslocamento necessário para montar estrutura que comporte uma terreira na orla da praia. Nesses casos, realiza-se a comemoração no próprio território do quilombo e, depois, se arreiam as oferendas, em comitiva menor, nas águas do Rio Guaíba, para alimentar Oxum após a finalização das atividades na casa.

Figura 9 — Terreira em homenagem ao dia de Oxum.  
Praia de Água Doce. Ipanema. 2022.



Fonte: Instagram Ylê de Oxum e Ossanha



Quando é possível realizar essas atividades fora do território de costume, tem-se a oportunidade de iniciar diálogos com pessoas externas ao terreiro. Desse modo, durante as ações de reforço espiritual, conduzido por alguns integrantes do Ylê, como se observa na Figura 8, outros integrantes do grupo apresentam a proposta do “Projeto Mães d’água: Ylê de Oxum orienta” (Figura 7). Por meio do diálogo são destacadas as práticas de cuidados com as águas e a concepção relacional defendida pelo conhecimento que cria relações de interdependência e parentesco entre seres orgânicos do ambiente, como humanos, peixes, plantas etc., e seres inorgânicos do ambiente, como as águas e pedras, os quais se reencontram via relacionamento com os entes sagrados através do axé, a energia vital. Logicamente, essa conversa que expressa este conhecimento complexo sobre o mundo, na perspectiva aqui abordada, não é realizada de modo rápido e raso, exigindo processos de experimentação e tempo para que os que se sentem esquecidos dos vínculos ancestrais possam reativar, ou fazer brotar, suas memórias.

Desse modo, o aprofundamento para o entendimento das questões descritas acima, acontece de forma gradual, conforme há possibilidade de novos encontros, de convivência com a família quilombola que constitui o Ylê e mantém seus ritos que comunicam e interligam os mundos.

Percebe-se, assim, que a ancestralidade que compõe esse pensamento anima a cosmovisão de mundos que trazem a perspectiva afro-brasileira e permite o estabelecimento de relações nesse nível de complexidade. Em perspectivas ocidentais hegemônicas, grosso modo, podemos entender os seres inorgânicos como os componentes químicos e físicos do ambiente que não portam ânimo, portanto, não possuem energia vital, e os seres orgânicos como os portadores de ânimo, portanto, possuidores de energia vital.

Nesse sentido, mesmo que haja trocas biológicas entre seres animados e inanimados, jamais se conceberiam relações de parentesco entre os distintos seres. Isso, porém, é algo descabido na perspectiva afro-brasileira apresentada aqui, pois, nesta cosmovisão, compreende-se o ambiente, com suas materialidades físicas e químicas, como portador de energia vital da ancestralidade orgânica, energia que pode fluir em todos os seres, mesmo que, em alguns, ela esteja em estado latente e precise passar por processos de ativação para tanto.

Dessa forma, quando Mãe Patty de Oxum explica que é preciso cuidado nos preparativos das oferendas, que é preciso remover o plástico porque ser vivo algum come plástico, que é preciso preparar bem o que se entrega como oferenda ritualística aos corpos d’água, ela ensina que não se está apenas alimentando os seres vivos (da perspectiva ocidental) que compõem os corpos hídricos; alimentam-se, também, os seres vivos da perspectiva afro-brasileira nesse ato, transformando, assim, o lago ou rio em uma entidade dotada de ânimo, dotada de vida.

Logo, o rio torna-se Oxum, na percepção da comunidade que a ativa por meio de ritos, um ser mítico e material que pode se agradar pelos presentes e tratamentos recebidos ou não. Caso não se agrade, a depender do modo como são elaboradas tais oferendas, ela pode revidar.

No entendimento da mãe de santo, Oxum não gosta da poluição lançada sobre ela por meio do esgoto, mas compreende que essa poluição é resultado de um projeto engendrado que busca gerar acúmulos para alguns, despedaçando e reduzindo a vida, ou seja, desvitalizando o ambiente que é de todos. Assim, também, Oxum entende que as obras de revitalização na Orla do Guaíba, que foram lançadas sobre seu corpo de forma a não considerar o seu espaço, podem ser destruídas por ela sempre que ela necessitar se expandir pelas áreas de várzea.

Tendemos a fazer a leitura desse processo como a identificação de pistas ou rastros deixados no ambiente que vão constituindo algo que poderíamos chamar de decomposição de uma forma de entender, marcar e grafar a cidade. Ou, ainda, como a decomposição de uma bio-geo-grafia da cidade e a reconstituição de uma relação de parentesco que busca “ajuntar” o que tem potencial para configurar modos de viver sem destruir o mundo dos outros.

O Mestre Antônio Bispo chamaria isso de *biointeração* (SANTOS, 2023, p.14), uma palavra bonita e potente que ele fez germinar, feito semente, em mentes de diversos territórios para enfraquecer o dito “desenvolvimento” que se diz “sustentável”. Buscamos nos aproximar dessas ideias, pois muitas pessoas dos territórios com os quais nos relacionamos, mesmo sem terem acessado tais discussões em salas de aulas em cursos de nível superior, onde se fala em “desenvolvimento sustentável”, constroem mundos onde a *confluência* e a

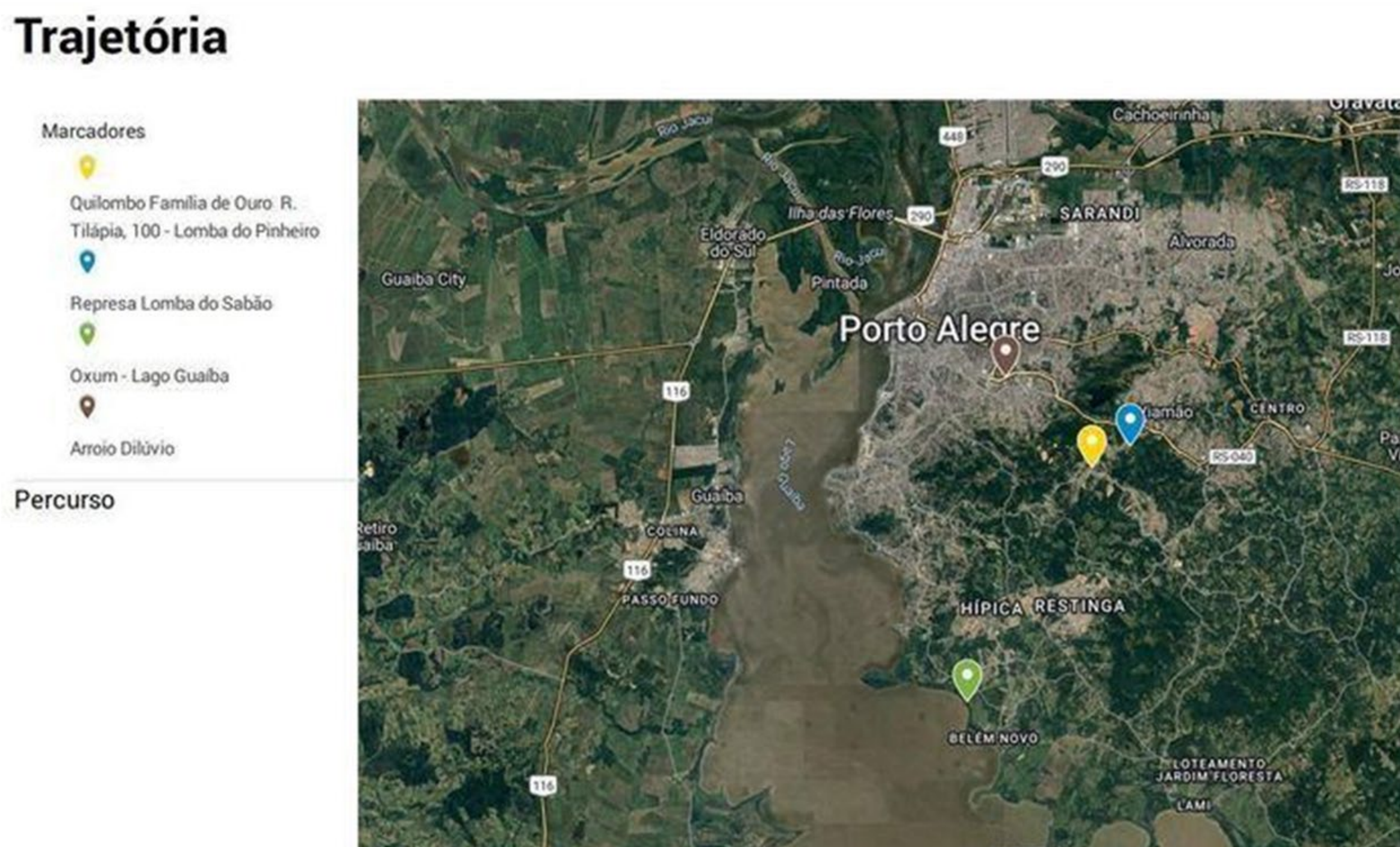


*biointeração* asseguram relações de interdependência e parentescos entre os que entendem a finitude do planeta Terra.

Essas concepções apresentam evidências de relacionalidades incomuns sobre o mesmo espaço e que não precisam se pautar em processos de exclusão e aniquilamento. Desse modo, é perfeitamente compreensível o fato de Oxum ser o rio e fazer exigências sobre as relações de cuidado que a agradam e sobre as questões que não a agradam. É compreensível que ela demonstre seu poder de ação quando seres ditos “humanos” passam dos limites com seus mecanismos de transformação da Terra e acúmulos capitalistas.

Para coabitar o planeta é necessário compreender que há perspectivas distintas, incomuns, interagindo e que não são apenas os seres ditos “humanos” os capazes de fazer exigências e com poder de barganha para tanto. A seguir, observamos o mapa que revela a territorialidade que sustenta relações que asseguram existências negras e nutrem a perspectiva afro-brasileira desde o Quilombo Família de Ouro.

Figura 10 ´ - Mapa: Territorialidade negra do rio que é Oxum e a circularidade das águas com relação ao Quilombo Família de Ouro



Fonte: Google Maps, elaborado por PEREIRA, JG (PEREIRA, 2025, p.217)

Após nos demorarmos sobre o mapa que traz a afirmação da compreensão da comunidade do rio como Oxum, é necessário que pensemos o que essa alteração de perspectiva nos provoca. Isso nos faz hesitar?

Esse entendimento é completamente relacionado à ideia apresentada por Stengers, conforme retoma o pesquisador Fernando Silva (2022, p. 192), de que



o “capitalismo é incapaz de hesitar, tudo para ele é oportunidade, mas pessoas hesitam todos os dias”.

Trata-se, então, de criar “capacidades coletivas de se meter em questões que dizem respeito ao futuro comum” (TC, p. 65-66), pois a entrada de Gaia em cena reorganiza as temporalidades com que vínhamos nos organizando até aqui. Sua intrusão “*significa que não há mais depois*. É agora que se trata de aprender a responder, se trata especialmente de criar práticas de cooperação e de legado com aqueles e aquelas que a intrusão de Gaia, desde agora, faz pensar, imaginar e agir” (TC, p. 70-71, grifo no original). (SILVA, 2022, p.192).

Questões como essas são boas para se fazer pensar e ativar reflexões sobre o que estamos fazendo com o nosso mundo e com o mundo dos outros. Elas são boas para tirar o pensamento do modo latente, automatizado, resultante do avanço capitalista em nossas subjetividades. Sendo assim, colocar distintas perspectivas em jogo compõe um cenário mais complexo e, ao mesmo tempo, mais representativo das realidades em relação.

A cosmopolítica apresentada por Stengers está imbricada pela perspectiva de diferentes agências constituindo relações políticas. A pesquisadora ressalta que a sua ideia de “proposição cosmopolítica” não é uma “proposição vale-tudo, aquela que ‘nós’ poderíamos apresentar a todos como igualmente aceitável por todos”. Ela é muito mais um modo de tornar “apresentável” essa política que se tem “a tendência de pensar como um ideal neutro, bom para todos” (STENGERS, 2018, p. 463).

Para a autora, a eficácia da “proposição cosmopolítica” está em apresentar os pontos que condenam a política a algo que pode ser entendido como a arte de enfeitiçar, “de conduzir os rebanhos humanos”. Desse modo, essa proposição “pede àqueles que lutam que não entreguem a essa luta o poder de definir uma unidade advinda enfim do gênero humano” (STENGERS, 2018, p. 463).

Para chegar a essas compreensões é necessário desacelerar o pensamento. Assim como Silva (2022, p. 192) destaca, essa desaceleração “se torna ainda mais importante no novo regime temporal instaurado por *Gaia*, uma vez que não é mais possível esperar o que virá depois do capitalismo”. Na encruzilhada desta linha de pensamento, além de não ser mais possível essa espera, entregar-se ao desespero e à urgência imediatista também não seria uma opção, pois “acabaria apenas por fazer persistir o mundo atual”.



Sendo assim, a criação de novas capacidades coletivas de pensar, imaginar e agir, de agarrar o futuro com as mãos, passa pela inegociável negação do direito que os modernos se concederam, **“o direito de não prestar atenção”** (TC, p. 74, grifo no original), a não ser no modo que permitisse a continuidade de sua história épica de conquista da Natureza e do Outro. (SILVA, 2022, p.192).

Aos ditos modernos, civilizados, é autoconcedido o direito de “não prestar atenção” a elementos que atribuem materialidades e sentido de importância aos mundos quando esses elementos não dizem respeito à sua história colonizadora do mundo. A incapacidade de coabitar o mundo, de coexistir com a diferença no mundo, ou nos mundos, é advinda de uma tendência redutora que faz do heterogêneo o homogêneo para fins de controle, o que é identificado como o “princípio da conquista” por Isabelle Stengers (*apud* SILVA, 2022, p. 142). Assumir que existe uma diversidade de concepções que formulam o que se conhece como mundo é muito mais condizente com a realidade do que seguir na perspectiva redutora que desvitaliza potenciais encontros na diferença e segue não prestando atenção ao que os “outros” falam ou fazem.

A elaboração do rio como Oxum adensa a arena de lutas com corpos-territórios que se vinculam a essa perspectiva. Conforme a professora e antropóloga Marisol de La Cadena (2019, p.4), ao conceber a presença de atores inusitados, “podemos pensar sobre estas presenças como atores políticos — ou, no mínimo, como uma questão política — ao invés de invalidá-las como excessivas, residuais ou infantis”. Na perspectiva da antropóloga, que desenvolve um respeitoso trabalho junto a comunidades indígenas, “a capacidade de perturbar profundamente as formações políticas prevalentes, e de rearranjar os antagonismos hegemônicos, sobretudo ao deslegitimar ([...]desnaturalizar) a exclusão das práticas indígenas das instituições do Estado-nação”, (De la Cadena, 2019, p. 4), advém da própria insurgência de forças e práticas indígenas que, aqui, também servem como práticas nutridoras e relacionadas com as perspectivas das insurgências negras quilombolas.

Pensando junto ao pesquisador Fernando Silva (2022), poderíamos dizer que:

esses grupos experimentam com formas de ação e pensamento coletivos, de implicação no devir de um acontecimento de maneiras que vão contra o que se esperaria deles, contra a marcha inexorável do progresso do capitalismo e sua atenção monotemática. Igualmente,

aqueles povos que antes eram julgados perdidos no tempo, à espera de modernização, pedagogia, progresso, compreende-se agora que eles habitam a terra se situando por meio de outras constrições, fazendo exigências diferentes e respondendo a obrigações que os modernos não eram capazes de compreender, e nem mesmo queriam. Suas tecnologias estavam e estão ajustadas para mundos que não se concederam o direito de não prestar atenção. (SILVA, 2022, p.195).

As questões urgentes e importantes dos mundos que não se concederam o direito de não prestar atenção emergem como barreiras contra a devastação, degradação e desvitalização impostas pelo modelo do mundo colonizador. Somente um mundo colonizador consegue conceber, por exemplo, uma ideia de “desenvolvimento sustentável” tendo, como primeiro *Objetivo do Desenvolvimento Sustentável*, “a erradicação da pobreza” e não consegue conceber formas de combater a riqueza capitalista, consumidora de mundos.

Se houvesse, talvez, certa mudança de compreensão e de discurso, também se assumiria que não são as pessoas pobres, os excluídos, ou deserdados da terra, que estão destruindo o planeta, e sim o modelo de economia competitivo, acumulador de mercadorias e de lucro.

A afirmação anterior não é um pensamento ingênuo, e sim de um pensamento consequente e equilibrado, fruto de concepções indígenas, quilombolas e negras sobre os modos de vida propostos e seus mundos. Esses pensamentos não pactuam com os fatos que levam à existência de pessoas que passam fome, que morrem desidratadas ou por complicações pela falta de saneamento básico, que são desterritorializadas, tampouco coadunam com as guerras disseminadas pelo mundo que destroem territórios e os seres vivos neles. São pensamentos que prestam atenção e se preocupam com as consequências dos atos dos seres ditos “humanos”, estes que se deslumbram intensamente com o brilho do ouro em forma de dinheiro, o brilho do lucro infinito.

Sendo assim, buscamos apoio em pensamentos que confluem na *lógica simbiótica*<sup>6</sup> apresentada pela natureza, onde as relações ecológicas, ou me-

6 Mobilizamos aqui a ideia simbiótica inspirada em Lynn Margulis, que “propôs que toda a associação física entre indivíduos de espécies diferentes durante uma parte considerável de suas vidas constitui uma ‘simbiose’ e que todas essas partes são biontes, conformando um holobionte” (WALTERS, “Holobionts and the Hologenome Theory” apud HARAWAY, 2023, p. 120). Cabe destacar que, “nos anos 1960, quando era forte a visão que ficou conhecida como neodarwinismo, acreditava-se que as células mais complexas teriam surgido por competição entre as células mais simples. ‘Mais tarde, a ideia foi popularizada com a história do gene egoísta’, destaca o professor José Eli da Veiga. Pois foi nessa época que Lynn Margulis mostrou que, há uns 2 bilhões de anos, as primeiras células complexas, com núcleo, não evoluíram por competição. Elas evoluíram, segundo a bióloga, mediante a endossimbiose, uma relação ecológico-colaborativa em que um organismo vive no interior de outro.” (QUINTO, 2021, sem página).



lhor, as *biointerações*, criam possibilidades de diversificação da vida por meio do envolvimento com o outro, o diferente. E, desse modo, asseguram a existência de mundos para gerações presentes e futuras. Conforme nos ensina o pensador e ativista indígena Ailton Krenak em “A vida não é útil”, “temos que ter [a] coragem de ser radicalmente vivos, e não ficar barganhando a sobrevivência” (KRENAK, 2020 p. 109). Em acordo com o seu pensamento, se seguirmos como consumidores frenéticos, vamos comer o planeta e pouco tempo de vida nos sobrar.

Assumir as consequências de entender o rio também como Oxum nos coloca na responsabilidade inegociável de reagir ao processo de mutilação que os corpos hídricos, os territórios negros e as suas gentes estão sofrendo em nome do dito “desenvolvimento sustentável”, termo esse que, no caso de Porto Alegre, foi apropriado pela gestão municipal junto ao setor empresarial<sup>7</sup> para legitimar um processo de reurbanização dos espaços da cidade sem dialogar e considerar as diversas concepções e relações com suas territorialidades.

Essas diversas concepções são provenientes de mundos ontologicamente diferentes em contato desde o processo da colonização no Brasil. Os territórios que preservam a memória ancestral convocam a comunidade que vive no ambiente a refletir melhor sobre as escolhas e consequências relacionadas aos modelos desenvolvimentistas adotados.

## Considerações finais

A relação com os territórios-corpos hídricos é estabelecida de modo matrilinear. No caso do Ylê de Oxum e Ossanha/Quilombo Família de Ouro, compreendendo o Lago Guaíba como o corpo-território da Mãe Oxum, há a constituição de outra perspectiva de mundo. Assim, o quilombo institui uma relação de parentesco com o corpo da água, do mesmo modo que vem instituindo relações de parentesco com os que se aproximam para incorporar um mundo mais firme

---

7 No capítulo 5 da tese, O QUILOMBO FAMÍLIA DE OURO E O FAZER GENTE PARA A VIDA: revitalizações e incorporações para a luta, quando o rio é Oxum (PEREIRA, 2025), detalhamos como o termo “desenvolvimento urbano sustentável” é capturado pela gestão municipal e pelo setor empresarial, envolvido com o urbanismo da cidade, e como as consequências desta parceria são enfrentadas pelos territórios negros, que possuem perspectivas afro-brasileiras de constituírem o espaço e vivem as lutas travadas pelos diferentes mundos em contato desde a colonização. Aqui é relevante destacar que os processos de desenvolvimento e reurbanização propostos e executados pela gestão atual visam deslocar, fragmentar, moldar e corpos e territórios negros, ignorando territorialidades ancestrais, para que as expectativas capitalistas de conduzir o mundo imperem e resultem em lucros exorbitantes para os setores empresariais.

diante das práticas flexibilizadoras em prol da destruição, que impõem ruínas aos demais.

Nas experiências quilombolas, nas territorialidades negras que tentamos apresentar nestas linhas, a estratégia de resistência e vida é baseada na constituição de resgate justamente de parentescos. De modo similar ao observado no ambiente, os quilombolas experimentam relações simpoiéticas de um *fazer-com o outro*, sem certezas determinantes, abrem-se ao risco e às possibilidades vigorosas que podem nascer de novos parentescos instituídos. Assim, busca-se aparentar-se tanto com o ambiente – com aqueles seres inanimados que, na perspectiva ritualística afro-brasileira, precisariam ser animados para exaltar suas agências – como com os seres já animados, como seres humanos que não são da mesma família de sangue, mas que podem ser da mesma família espiritual ou, ainda, podem se aparentar por compartilhar da mesma luta.

Ainda poderíamos dizer que, na concepção de família negra afro-brasileira quilombola, cabe um pouco mais de gente, gente que é gente como nós e gente que é gente diferente de nós. E é assim que os “Projetos orgânicos” adensam “os mundos que constituem a cidade em que o rio é Oxum”, desde os ensinamentos da liderança quilombola Mãe Patty de Oxum e sua família, que valorizam as relações de cuidado e respeito com os seres que compartilham o espaço. Além disso, a perspectiva cultivada pelo território quilombola é capaz de atribuir axé vital e animar outros seres legitimando-os a participar das narrativas sobre a cidade.

Essa seria uma perspectiva bonita de ser cultivada em um mundo que está em ruínas diante do abismo cavado pela colonização, capitalismo, patriarcado e racismo empreendidos na flexibilização do dito “desenvolvimento urbano sustentável” capturado pela articulação empresarial com a gestão pública, em Porto Alegre. A gestão pública atual da cidade não busca maneiras de propor um modelo de desenvolvimento que considere as diferentes perspectivas sobre a cidade e impõe um modelo que se orienta pelas possibilidades de lucros exponenciais a qualquer custo. Assim, estabelece processos que arruinam muitos sonhos e mundos.

Depois de termos contato com a perspectiva que visa articular parentescos vigorosos e regeneradores desde o Quilombo Família de Ouro, podemos escolher: continuar mutilando a mãe, irmãs e irmãos, imersos na ilusão da constru-



ção de objetivos erguidos sem sequer a devida consulta aos que serão afetados, ou optar por assumir as responsabilidades coletivas de mundos com potencial simbiótico. Compreendendo o esforço de constituir essas relações por meio da reunião dos incomuns, seguindo com incômodos muitas vezes provocados pela diferença, mas com aberturas à heterogeneidade que necessita de cuidados para sua continuidade.

Por fim, destacamos que há um limite para a composição deste texto e reafirmamos que ele pertence a constituição de uma tese, onde tivemos a oportunidade de explicar o detalhamento de processos que ameaçam os territórios quilombolas em Porto Alegre e como esses territórios se organizam para barrar esses processos e para promover a vida.

## Referências

BELLACASA, María Puig. Matters of care in technoscience: Assembling neglected things. **Social Studies of Science**. sss.sagepub.com. 41(1) p.85–106, 2011. DOI: 10.1177/0306312710380301. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/51108901\\_Matters\\_of\\_Care\\_in\\_Technoscience\\_Assembling\\_Neglected\\_Things](https://www.researchgate.net/publication/51108901_Matters_of_Care_in_Technoscience_Assembling_Neglected_Things)

DE ALMEIDA FILHO, Everaldo Calasans ; DUARTE, Geronimo. É D’ Oxum. **MUSIXMATCH**. Editora: Warner/Chappell Edições Musicais Ltda. Interpretado por Rita Benneditto. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=oWe7U\\_s-ZGs](https://www.youtube.com/watch?v=oWe7U_s-ZGs), acesso em 29 jan. 2024.

DE LA CADENA, Marisol. Cosmopolítica indígena nos Andes: reflexões conceituais para além da “política”. **Maloca: Revista de Estudos Indígenas**, Campinas, SP, v. 2, p. 1-37 e019011. 2019. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/maloca/article/view/13404>

DE OXUM, Mãe Patty. Pensamento sobre ambiente e alimento. In: PEREIRA, Patrícia Gonçalves. **O Quilombo Família de Ouro e o fazer gente para a vida: revitalizações e incorporações para a luta, quando o rio é oxum**. 2025. 343p. Tese (Doutorado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul. (UFRGS). Porto Alegre, 2025, p.203.

DERIVA JORNALISMO E FOTOGRAFIA. Registros e informações de ruas, lutas e resistências. **Instagram**. Disponível em: <https://www.instagram.com/derivajornalismo/>, acesso em 21 nov. 2024.

DOOREN, Tom; KIRKSEY, Eben; MÜNSTER, Ursula. Estudos multiespécies: cultivando artes de atenção. Trad. Susana Oliveira Dias. **ClimaCom** [online], Campinas, Incertezas, ano. 3, n. 7, p.39-66, Dez. 2016. Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/estudos-multiespecies-cultivando-artes-de-atencao/>

DOS ANJOS, José Carlos Gomes. A filosofia política da religiosidade afro-brasileira como patrimônio cultural africano. **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 9, n. 13, p. 77-96, jan./jun. 2008. Disponível em <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/21040/000662640.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. 3ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017. 200p.

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema: fazer parentes do Chthuluceno**. São Paulo: n-1edições, 2023. 412p.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia da Letras, 2020. 128p.

MAPA DA GEOLOCALIZAÇÃO DA FAMÍLIA DE OURO. Núcleo de Estudos Geografia e Ambiente - NEGA. In: PIRES, Cláudia Luísa Zeferino; BITENCOURT, Lara Machado (org.). **Atlas da presença quilombola em Porto Alegre/RS**. Porto Alegre: Letra1, 2021, p. 313-340

MAPA: TERRITORIALIDADE NEGRA DO RIO QUE É OXUM E A CIRCULARIDADE DAS ÁGUAS COM RELAÇÃO AO QUILOMBO FAMÍLIA DE OURO. PEREIRA, Josiane Gonçalves. In: PEREIRA, Patrícia Gonçalves. **O Quilombo Família de Ouro e o fazer gente para a vida: revitalizações e incorporações para a luta, quando o rio é oxum**. 2025. 343p. Tese (Doutorado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul. (UFRGS). Porto Alegre, 2025, p.217.

PEREIRA, Patrícia Gonçalves. **O Quilombo dos Machado e a Pedagogia da Ginga: deslocamentos em busca da vida**. 2019. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul. (UFRGS). Porto Alegre, 2019.



PEREIRA, Patrícia Gonçalves. **O Quilombo Família de Ouro e o fazer gente para a vida: revitalizações e incorporações para a luta, quando o rio é oxum.** 2025. 343p. Tese (Doutorado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul. (UFRGS). Porto Alegre, 2025

QUINTO, Antonio Carlos. Uma justa homenagem a Lynn Margulis, autora da teoria da endossimbiose. **Jornal USP**. Publicado em: 25 nov. 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/uma-justa-homenagem-a-lynn-margulis-autora-da-teoria-da-endossimbiose/>, acesso em 23 mar. 2024.

RIVEIRA CUSICANQUI, Silvia. **Sociología de la imagen: ensayos.** Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Tinta Limón, 2015. 352p.

SANTOS, Antônio Bispo. **A terra dá, a terra quer.** São Paulo: Ubu Editora Piseagrama, 2023. 112p.

SILVA, Fernando Silva. **Fazer filosofia em um planeta ferido: Whitehead, Stengers e uma filosofia ambiental.** 2022. 261p. Tese (Doutorado), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. (PUCRS). Porto Alegre, 2022.

STENGERS, Isabelle. A proposição cosmopolítica. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 69, p. 442-464, abr. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i69p442-464>, Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/145663>

TSING, Anna Lowenhaupt. **O cogumelo no fim do mundo: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo.** São Paulo: n-1edições, 2022. 412p.

TSING, Anna Lowenhaupt. **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no antropoceno.** Brasília: IEB Mil Folhas. 2019. 284p.